

### Resumo

Estudaremos dois importantes momentos da apropriação machadiana da tradição judaico-cristã em *Esau e Jacó*, explicitando o quanto essa tradição é submetida a modificações que admitem ser interpretadas como parte integrante de um processo de atualização da tradição para um outro contexto distinto do original.

**Palavras-chave:** Assis, Joaquim Machado de, 1839-1908 - Crítica Textual; Assis, Joaquim Machado de, 1839-1908 - Crítica e Interpretação.

*Nuestra tradición es toda la cultura occidental ... los sudamericanos en general podemos manejar todos los temas europeos, manejarlos sin supersticiones, con una irreverencia que puede tener, y ya tiene, consecuencias afortunadas.*

*Jorge Luis Borges, El escritor Argentino y la Tradición*

\* Professora-Adjunta de Literatura Brasileira e do Mestrado em Teoria da Literatura da UFJF.

É com irreverência que o escritor brasileiro Machado de Assis maneja os temas da cultura ocidental, sem “superstições”, antes com “conseqüências afortunadas”. O presente trabalho é recorte de um projeto maior que pretende acompanhar o movimento do escritor ao se apropriar da tradição do ocidente. É fato que essa tradição comparece na sua obra, em maior ou menor grau, modificada. Interpretaremos as irreverentes modificações e suas conseqüências afortunadas como integrantes do processo de atualização da tradição para um contexto muito distinto do original.

Quanto à escolha do recorte, uma vez que esse seu movimento de apropriação - recorrente ao longo de toda a literatura machadiana - apresenta-se ainda mais recorrente na chamada fase da maturidade, focalizamos ali a nossa atenção. Contudo, a decisão final pelas páginas iniciais de *Esaú e Jacó*, deveu-se tanto a uma questão de familiaridade com o texto, quanto de produtividade: esse recorte exhibe uma conveniente concentração de alusões à tradição cultural do ocidente. Enfim, importa notar, a partir do ângulo do qual estamos nos posicionando para estudar, os mais sutis detalhes podem revelar-se significativos.

Um rápido exemplo: consideremos as palavras que inauguram o capítulo um: *ERA A PRIMEIRA VEZ que as duas iam ao Morro do Castelo*<sup>1</sup>. Atentemos para o fato de que essa abertura admite-se como um trocadilho fonético à tradicional abertura dos contos de fadas: *ERA UMA VEZ...* Pois podemos interpretar essas palavras inaugurais como um exemplo de apropriação machadiana da tradição: a versão original foi modificada porque sofreu um processo de atualização. Escolhida de um contexto mítico, em que há indefinição de tempo e espaço, a abertura veio a ser atualizada para um contexto burguês, justamente o oposto. A palavra “primeira” substituindo “uma” define o indefinido. De fato, as coordenadas temporais e espaciais, indefinidas nos contos de fadas, comparecem no romance oitocentista, pelo contrário, muito bem definidas. No exemplo considerado, trata-se do Rio de Janeiro de 1871.

Ora, as páginas iniciais de *Esaú e Jacó* são ricas em detalhes como esse. A partir delas, estudamos, em um trabalho anterior, um importante momento da apropriação machadiana da tradição oracular pagã (a partir da alusão do narrador à sacerdotisa Pítia do oráculo de Delfos n’*As Eumênides* de Ésquilo)<sup>2</sup>. Já no presente trabalho, focalizamos nossa atenção na apropriação machadiana de uma outra tradição cultural do ocidente: a judaico-cristã. Partindo do fato de que o romance concentra no próprio título, *Esaú e Jacó*, a alusão maior à essa tradição, selecionamos, dentro do nosso recorte, dois importantes momentos dessa apropriação<sup>3</sup>.

Principiemos por considerar os parágrafos que se seguem à abertura. Ao longo desses, lemos sobre a consulta de uma dama da alta sociedade fluminense do segundo oitocentos a uma popular adivinha. A dama, de nome Natividade, acompanhada da sua irmã Perpétua, saíra da sua casa no elegante bairro de Botafogo e subia então, magoando os pés no “íngreme”, “desigual” e “mal calçado da ladeira”, ao suburbano Morro do Castelo. Afinal, era lá no alto, em uma casa a ser alcançada por uma “escadinha estreita” e “sombria”, que reinava a adivinha. E é o próprio pai dessa quem vemos então receber Natividade e Perpétua, que são em seguida apresentadas à filha: uma moça muito jovem de nome Bárbara.

Pois a escolha desse nome para a adivinha pode revelar-se produtiva em termos da apropriação machadiana da tradição cristã. Nossa motivação parte sobretudo da sugestão

da brasilianista Helen Caldwell de que a personagem foi inspirada na estória de Santa Bárbara<sup>4</sup>. De fato, ao compararmos as duas personagens, notamos que a estória da adivinha Bárbara admite-se como a versão moderna da estória de uma outra Bárbara: a santa que foi trancada no alto da torre de um castelo pelo seu pai pagão por ter se convertido ao cristianismo e aos seus milagres.

Nos tempos em que o paganismo ainda era a religião oficial, um romano, ao descobrir que a sua filha praticava uma religião marginal, decidiu por isolá-la do convívio de todos. Na apropriação desta estória cristã para o contexto brasileiro do oitocentos, Machado de Assis parece ter considerado que o catolicismo havia sido há muito tempo elevado à condição de religião oficial. Sua Bárbara não é mais uma mártir do cristianismo e sim uma popular adivinha, e por ironia, marginalizada pelo catolicismo. Sendo assim, vemos então Santa Bárbara, filha de um romano pagão, moradora de um imponente castelo, transformar-se, em *Esau e Jacó*, na adivinha Bárbara, filha de um simples homem do povo, moradora do suburbano Morro do Castelo.

Quanto ao pai, ao saber dos poderes milagrosos da filha, não mais a condena ao isolamento em uma torre como na estória original. Não sendo rico, precisando ganhar dinheiro e vivendo em tempos modernos cada vez mais seculares, esse outro pai decide tirar proveito econômico das adivinhações da filha. Assim, o vemos abrir com cortesia as portas da sua respectiva “torre” situada bem lá no alto deste outro “Castelo” e receber ele mesmo a clientela de quem cobra modernamente a consulta.

Notemos que comparece registrado, na versão machadiana, um importante índice de modernidade representado pela secularização da tradição religiosa. Ora, essas modificações entre o original e a versão são sugestivas do quanto Machado de Assis submeteu a estória da jovem Bárbara a um processo constante de atualização. Tanto que a estória “sublime” e “sagrada” de uma santa transforma-se na estória moderna, “prosaica” e “profana” de uma adivinha que vive da secular cobrança de seus milagres. Essa secularização, encontrava-se já bem avançada no ocidente oitocentista e nem mesmo o Brasil, um jovem país que persistia como sendo dos mais místicos, dela conseguira escapar.

Mas se, de um lado, a secularização está sendo registrada, de outro, também está a persistência do misticismo brasileiro, um índice da nossa identidade cultural, representado nas páginas iniciais do romance, em termos tanto da fé dos clientes que consultavam o oráculo, quanto da sinceridade de pai e filha. Afinal, em nenhum momento esses personagens são descritos de modo a sugerir qualquer traço de hipocrisia, nem mesmo no detalhe secular da cobrança da consulta.

Um outro índice da nossa identidade cultural que Machado de Assis cuidou também de registrar é o sincretismo religioso-racial. A começar pelo fato de ter colocado uma senhora católica a consultar uma adivinha, que por sua vez é uma cabocla que tem o mesmo nome de uma santa do catolicismo europeu - sendo que essa santa Bárbara é justamente uma, dentre aquelas, a ter um correspondente sincrético na religião afro-brasileira: o orixá Iansã. E para terminar, colocou ainda a adivinha cabocla a usar um raminho de arruda (uma espécie de amuleto contra má sorte difundido entre os negros), além de catolicamente conservar o retrato de Nossa Senhora da Conceição na própria parede do cômodo onde realiza o ritual oracular, que será acompanhado pela fumaça do cigarro que ela acende e pela cantiga de temática africana cantada na viola pelo pai também caboclo.

Assim, se é verdade que nessa apropriação machadiana da estória da jovem Bárbara, a moderna secularização ocidental está sendo considerada, também é verdade que o persistente misticismo local, com todo o seu sincretismo, não o está menos. Ambos são postos em contraditória convivência e atentemos para o fato de que terminam por se atenuar. Afinal, nem o tom secular, nem o místico dominam de todo a cena. Cena onde vemos Machado de Assis descrever um Brasil que não é tão católico, nem tão branco como então se queria e onde esses elementos europeus, identificados à cultura oficial, comparecerem em sincretismo com a marginalizada cultura popular. O romance assume, portanto, raízes até então “inconfessadas” da identidade cultural brasileira, o que demonstra a dimensão crítica do pensamento machadiano em relação às idéias dominantes no Brasil do oitocentos.

Mas a estória de Santa Bárbara não é a única que comparece atualizada da tradição cultural do ocidente para o contexto de *Esau e Jacó*: nessas páginas iniciais do romance se dá justamente um momento dos mais decisivos da apropriação machadiana da estória dos gêmeos bíblicos, pois é quando vemos Natividade, ao consultar o oráculo da adivinha, ter conhecimento da profecia sobre o futuro de seus filhos, também gêmeos, nascidos há pouco mais de um ano.

Lembremos que na estória original, Isaque, tendo orado a Deus por sua mulher estéril, teve suas preces atendidas e Rebeca deu à luz os gêmeos Esaú e Jacó. Contudo, durante a gravidez, ao sentir que “os filhos lutavam no ventre dela,”<sup>5</sup> a futura mãe decidiu consultar ao Senhor que a esclareceu com uma profecia a respeito de dois povos rivais que dela iam nascer e que desde o ventre já brigavam pelo direito à primogenitura.

Ora, na apropriação dessa estória judaico-cristã para o contexto brasileiro do oitocentos, vemos algumas modificações significativas acontecerem. Principiemos por notar o detalhe de que Rebeca pode consultar ao próprio Senhor sobre o futuro de seus filhos, enquanto que Natividade teve que recorrer a uma adivinha. Machado de Assis parece ter então considerado que, diferentemente dos tempos bíblicos, nos tempos modernos, cada vez mais seculares, Deus já não falava mais diretamente ao seu povo, tornando-se necessário, portanto, na profana “reescritura” desse episódio da *Sagrada Escritura*, oferecer à Natividade a intermediação pouco bíblica e muito mais pagã de um oráculo. Afinal, essa era uma modificação em relação ao texto original que estava em perfeito acordo com a religiosidade sincrética do povo brasileiro e, de sobra, possibilitava ainda a apropriação machadiana da tradição oracular pagã na forma de uma adivinha cabocla comparada pelo narrador à Pítia grega. Assim, secularização, de um lado, e sincretismo religioso, de outro, são dois importantes índices da moderna identidade cultural brasileira, que vemos Machado de Assis registrar em *Esau e Jacó*.

Uma outra modificação em relação ao texto original, comparece no detalhe da consulta de Natividade ser posterior ao nascimento dos gêmeos, enquanto que a consulta de Rebeca fora anterior. É porque Rebeca sente os filhos lutando no seu ventre que então recorre ao Senhor. Quanto à Natividade, ela também sentira “movimentos extraordinários, repetidos, e dores, e insônia,”<sup>6</sup> mas nos tempos modernos era o caso de se recorrer a um médico e não a um oráculo. A versão machadiana parece então considerar que a gestação já se tornara no oitocentos um assunto para a medicina. Explicações metafísicas

sobre os sofrimentos físicos da gravidez destoavam do secular espírito de tempos cada vez mais positivistas.

Além do mais, parece ter sido também considerado que essa outra mãe, uma dama da mais alta e moderna sociedade fluminense, tanto se ressentiria por causa dos bailes e festas de que se veria obrigada a se privar, que, diferentemente da mãe bíblica, somente iria se preocupar com o futuro dos filhos a ponto de consultar um oráculo depois que esses nascessem. E, de fato, lemos então que a primeira sensação de Natividade foi a de que a gravidez iria “deformá-la por meses, obrigá-la a recolher-se, pedir-lhe as noites, adoecer dos dentes e o resto,”<sup>7</sup> seu amor materno só veio a ser despertado de todo muito depois. Assim, na versão machadiana, vemos que também os sentimentos da mulher em relação à maternidade são, por sua vez, atualizados do contexto bíblico para o contexto moderno.

Notemos por fim, as modificações a que a própria profecia veio a ser então submetida. Ora, lemos nessas páginas iniciais de *Esaú e Jacó* que Natividade só conseguiu tirar da adivinha palavras vagas relativas a “cousas futuras”, tais como:

*Serão grandes, oh! grandes! Deus há de dar-lhes muitos benefícios. Eles hão de subir, subir, subir...Brigaram no ventre de sua mãe, que tem? Cá fora também se briga. Seus filhos serão gloriosos. É só o que lhes digo. Quanto à qualidade da glória, cousas futuras!*<sup>8</sup>

Já o Senhor foi bem mais preciso em sua profecia. Tanto que quando diretamente consultado por Rebeca, respondeu Ele:

*Duas nações há no teu ventre  
Dois povos nascidos de ti se dividirão:  
um povo será mais forte que o outro,  
e o mais velho servirá ao mais moço.<sup>9</sup>*

Mas mesmo diferindo em objetividade, o fato é que cada uma dessas profecias veio a ser objetiva o *suficiente* para atender a pergunta que dentro de si traziam as duas mães tão distantes no tempo e no espaço. De fato, à Rebeca, uma mãe dos tempos bíblicos, preocupava saber qual dos filhos gêmeos, dado o costume da primogenitura, seria grande e glorioso, ou seja, receberia a benção do marido e o direito de ser o primogênito - no que ela foi prontamente atendida com a revelação divina da própria inversão do costume: o que nasceria primeiro, Esaú, serviria Jacó, que nasceria depois.

Quanto à Natividade, sua preocupação pelos filhos veio a ser dar diferentemente à de Rebeca. Afinal, Natividade era uma mãe dos tempos modernos, dos tempos de democracia e de igualdade de todos - ou quase todos, considerando o caso do Brasil escravocrata. Machado de Assis parece ter considerado que estando o costume da primogenitura já quase abandonado, não seria suficiente à Natividade o antigo benefício de um único filho, mas tão somente a moderna grandeza democrática dos dois - no que também essa outra mãe foi prontamente atendida com a revelação de que *ambos* os seus filhos seriam grandes e gloriosos.

Notemos ainda que Natividade, de tão contente com parte da profecia, não deu de imediato importância à outra parte, ou seja, a de que os gêmeos cá fora também brigariam. Afinal, essa informação não era muito útil para as ambições maternas dentro de um contexto moderno tão diferente ao bíblico. Já no *Gênese* vemos Rebeca, diferentemente de Natividade, manter bem viva em sua memória esta parte da profecia, inclusive ajudando o mais novo a se fazer passar pelo mais velho e assim conseguir astutamente do pai a bênção da primogenitura.

Ora, essas modificações entre o texto original e a versão machadiana são sugestivas do quanto o escritor brasileiro veio a atualizar de fato as páginas da *Bíblia* em *Esaú e Jacó*. Tanto que vemos a estória “sublime” e “sagrada” da discórdia bíblica entre dois irmãos transformar-se então na estória “prosaica” e “profana” da discórdia moderna entre dois irmãos. Na verdade, ao escrever o seu romance a partir da *atualização* de páginas tão tradicionais como as da *Bíblia*, Machado de Assis consegue o interessante efeito de atenuar o prosaísmo da sua estória. Afinal, nada como o prestígio que um retoque “sublime” e “sagrado” pode dar a um moderno quadro “prosaico” e “profano”.

Em suma, no presente trabalho, ao acompanharmos o movimento machadiano de apropriação da tradição judaico-cristã em *Esaú e Jacó*, esperamos ter explicitado o quanto essa tradição veio a ser de fato, submetida a irreverentes modificações, com conseqüências das mais afortunadas, que admitem ser interpretadas como integrantes de um processo de atualização dessa tradição para um outro contexto muito distinto do original.

## Abstract

In this work we study two important moments of Machado de Assis' appropriation of Christian-Jewish tradition in *Esaú e Jacó*. We show that this tradition is subjected to modifications which can be interpreted as part of an updating process which places it in a context that is different from the original one.

**Key words:** Assis, Joaquim Machado de, 1839-1908 – Textual criticism; Assis, Joaquim Machado de, 1839-1908 – Criticism and Interpretation.

## Notas

<sup>1</sup> MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. vol.1, p. 947.

<sup>2</sup> SILVA, Teresinha V. Zimbrão da. Cousas Passadas... Cousas Futuras... Machado de Assis e a reescritura da tradição oracular grega. *Espelho*, West Lafayette/ Porto Alegre, n. 5, p. 41-52, 1999.

<sup>3</sup> *Matraga On-Line*, disponível em: <http://www2.uerj.br/~pgletras/revista/revista.htm> (, 1999, n. 12, p. 1-8.)

<sup>4</sup> CALDWELL, Helem. *Machado de Assis: The Brazilian Master and his Novels*. Berkeley: University of California Press, 1970. p.177.

<sup>5</sup> BÍBLIA. Gênese 25:22.

<sup>6</sup> MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra Completa*, vol. I, p.949.

<sup>7</sup> MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra Completa*, vol. I, p.956.

<sup>8</sup> MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra Completa*, vol. I, p.950.

<sup>9</sup> BÍBLIA. Gênesis 25:23.

